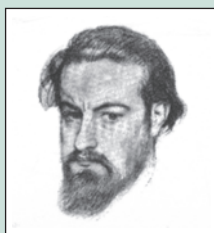


JAIME CORTESÃO

OBRAS COMPLETAS

7

A Carta de Pêro Vaz de Caminha



A Carta
de Pêro Vaz de Caminha

JAIME CORTESÃO

OBRAS COMPLETAS

7

A Carta
de Pêro Vaz de Caminha

ÍNDICE

(VOLUME VII)

APRESENTAÇÃO.....	9
ADVERTÊNCIA	11

PARTE I

O Autor e a Obra

CAPÍTULO I — A <i>Carta</i> de Pêro Vaz de Caminha e a literatura de viagens	15
CAPÍTULO II — A História da <i>Carta</i>	21
CAPÍTULO III — Caminha, cidadão do Porto	33
CAPÍTULO IV — O Descobrimento	53
CAPÍTULO V — A Terra e o Homem Novo	65

PARTE II

Transcrição e exegese da *Carta*

CAPÍTULO VI — Estudo paleográfico e transcrição da <i>Carta</i>	85
A <i>Carta</i> de Pêro Vaz de Caminha (fac-símile e transcrição)	95
CAPÍTULO VII — A <i>Carta</i> de Pêro Vaz de Caminha — Adaptação à linguagem actual ...	153
NOTAS	175
DOCUMENTOS	227
APÊNDICE	245

De entre as muitas e notáveis obras da Literatura Portuguesa da Expansão dos séculos XV a XVII é indiscutível que a *Carta* que Pêro Vaz de Caminha escreveu em 1500 a D. Manuel I, relatando-lhe o «achamento» da «Terra da Vera Cruz», ocupa um lugar cimeiro. Consciente de tal facto bem andou Jaime Cortesão ao realizar aquele que reputamos, sem receio da afirmação, como o melhor estudo e a mais notável edição de entre as muitas que se fizeram até agora de tão notável documento.

Jaime Cortesão procedeu nesta obra a um modelar estudo interdisciplinar ao realizar a análise do texto nos seus aspectos mais salientes e que concernem às suas vertentes filológica, antropológica e histórica.

Tendo sido obrigado a exilar-se no Brasil em 1940, a edição da *Carta* de Pêro Vaz de Caminha constitui o primeiro livro do grande escritor a ser publicado nessa sua segunda pátria, onde tão notáveis serviços prestou à cultura e à cooperação luso-brasileira. É importante observar este facto, tanto mais que essa edição se destinava a inaugurar uma série de literatura que procurava estreitar os laços entre Portugal e o Brasil. Deveremos ainda salientar que tal obra constitui o retomar de forma aprofundada da problemática que lhe motivou a sua grande estreia na Historiografia portuguesa em 1922, ao publicar o seu primeiro estudo de história intitulado *A expedição de Pedro Álvares Cabral e o descobrimento do Brasil*.

No plano da sua edição da *Carta*, Cortesão teve o cuidado de progressivamente introduzir o leitor no contexto que a envolve. Assim, inicia o seu trabalho com uma ainda hoje estimulante reflexão sobre o conjunto da Literatura Portuguesa da Expansão, em que insere a *Carta*; só depois passa a abordar a história do documento, do seu autor e a problemática do descobrimento do Brasil. Finalmente, na segunda parte do livro, procede à edição da *Carta* de acordo com um modelo que permanece como um exemplo de edição que deve continuar a ser seguido, isto é, a transcrição paleográfica paralela à reprodução fotográfica do documento, seguida por uma versão em «linguagem actual», que é completada e esclarecida por abundantes notas. Desta forma, ficam salvaguardados os interesses, tanto de um público muito especializado, como do comum das pessoas interessadas na leitura de tão valioso texto.

Como justamente observou, em 1970, António Alberto Banha de Andrade, «Tanta vez editada, a *Carta de Pêro Vaz de Caminha* não aparece igual em duas edições que sejam fruto do labor consciencioso de paleógrafos, historiadores e filólogos.»¹ Exemplo disso são as rigorosas leituras paleográficas posteriores a esse estudo, realizadas por João Martins da Silva Marques² e por Eduardo Nunes³.

As observações críticas de Banha de Andrade permitiram-lhe observar um muitíssimo reduzido número de pequenos problemas (que existem sempre) na leitura paleográfica de Cortesão. De entre eles apenas poderão ser alvo de reparo os seguintes pontos: fol. 1 — *screpuam* em vez de *scpuam*; *xiiij* em vez de *xiiij*; fol. 7 — *rrjmdo* em vez de *Rijmdo*; fol. 14 — *jorge* em vez de *jorje*.

Não queremos terminar estas breves palavras de apresentação sem deixar de mais uma vez destacar o valor das notas elaboradas por Jaime Cortesão. São estudos da mais fina erudição, que se apresentam sempre de uma forma agradável. Além disso, constituem admiráveis esclarecimentos sobre palavras e conceitos que, passados quase cinco séculos, se tornaram um tanto obscuros para a maior parte dos leitores, os quais, no entanto, não deixam de se maravilhar com o encanto da constantemente renovada descoberta de um dos mais importantes testemunhos presenciais sobre os Descobrimentos Portugueses. A perspicácia das suas observações é notável sobre os mais variados assuntos, baseando-se sempre numa vasta documentação, ainda que possam, por vezes, escapar-lhe pequenos detalhes, como o de que a tão importante palavra «descobrimto» não aparece em 28 de Agosto de 1499, como ele observa (p. 181), mas sim em 12 de Julho de 1486, no contrato estabelecido entre Fernão Dulmo e João Afonso do Estreito, quando se propunham descobrir a Ilha das Sete Cidades. Aí, efectivamente, pode ler-se a seguinte frase: «pera tall armaçã pera *descobrimto* das dictas hylhas e terra firme».

Numa altura em que velozmente se aproxima a comemoração dos quinhentos anos do «achamento» do Brasil por Pedro Álvares Cabral, nada melhor para estimular a sua digna celebração que a presente reedição, a qual tornará muito mais acessível aquela que já foi considerada como a declaração do nascimento do Brasil.

JOSÉ MANUEL GARCIA

¹ «As incorrecções da Carta de Pêro Vaz de Caminha», *Studia*, Lisboa, 30-31, 1970, p. 57.

² *Descobrimentos Portugueses*, vol. III, Lisboa, 1971 (reeditado pelo INIC em 1988), pp. 595-607.

³ *Carta a el-rei Dom Manuel sobre o achamento do Brasil*, introdução, actualização do texto e notas de M. Viegas Guerreiro e leitura paleográfica de Eduardo Nunes, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1974.

⁴ *Descobrimentos Portugueses*, vol. III, Lisboa, 1971, p. 327.

Ao escrevermos este livro propusemo-nos renovar quanto possível o assunto, à luz de novos documentos, e, principalmente, dum novo método de estudo e compreensão. Levou-nos esse trabalho a conclusões tais, que julgámos indispensável fazê-las acompanhar, por garantia, da ampla exegese da *Carta* e do aparato crítico respectivo. Essas razões explicam o volume e a estrutura da obra.

Cuidámos, antes de mais nada, do estudo paleográfico e rigorosa transcrição da *Carta*; a seguir, de esclarecer palavras e locuções de significado obscuro ou discutido, pela ampla investigação das fontes culturais da época; logo, de adaptar o texto à linguagem contemporânea, com discreta parcimónia, para não lhe alterar a substância e o sabor arcaicos; e, finalmente, sob essa base, de rever os mais importantes problemas que lhe são conexos: género e qualidade literária; as relações entre o autor e a obra; e, mais que todos, a sua importância na história da geografia e na história das duas nações — o Brasil e Portugal.

Resta-nos deixar aqui os nossos cordiais agradecimentos a quantos nos prestaram o seu concurso, como os Srs. Drs. Júlio Dantas e Artur de Magalhães Basto, que de Portugal, sollicitamente, nos enviaram materiais indispensáveis. Obséquo igual devemos, e agradecemos, no Brasil aos Srs. Cmdt. Eugénio de Castro, Honório Rodrigues, Luís Camilo de Oliveira Neto, Pedro Calmon, Conde de Pinheiro Domingues e Sérgio Buarque de Holanda. Homenagem e gratidão especial, pelos dados originais que nos forneceram, prestamos ainda aos Srs. Dr. Artur Neiva, Cmdt. Almeida Belo e Murilo Basto.

O autor e a sua obra

CAPÍTULO I

A *Carta* de Caminha e a Literatura de Viagens

A *Carta* de Caminha não é um caso único. Pertence a um género, o mais vivo, próprio e original da literatura portuguesa: as narrativas de viagem.

Ao incluí-la numa colecção de clássicos, não incorremos, segundo supomos, em abuso. É certo que a famosa missiva, tão localizada, como nos aparece, no tempo e no espaço, tem sido olhada, em si e exclusivamente, como texto singular da história da geografia e da história duma nação. Ponto de vista escasso, que prejudicou até hoje a sua compreensão como peça literária e, o que é pior, como documento histórico.

Contra esse vezo iremos reagir a todo o longo deste livro. Do ponto de vista oposto faremos o nosso método.

Capistrano dizia, em 1922, como adiante veremos: «As passagens cruciais (da *Carta*) continuam obscuras. Um comentário filológico feito por um entendido ainda hoje é imprescindível, hoje mais do que nunca».

Na verdade a *Carta* estava pedindo, mais amplamente, um estudo histórico-cultural. Tornava-se mister fazê-la entrar dentro do género a que pertence e esclarecê-la, por comparação com o maior número de textos similares da mesma época. Mais do que isso, fazê-la respirar de novo o ambiente próprio, procurando decifrar os seus enigmas, não apenas à luz da filologia, isto é, da história da linguagem, mas também dos costumes, das artes, da religião, das actividades, ideias e sentimentos dos seus contemporâneos.

Começemos, pois, por estudar o lugar que ela ocupa no género literário a que pertence.

As primeiras relações de viagens foram por certo traçadas no mar pelos escritvães das caravelas do Infante D. Henrique. No livro ou livros de bordo, inscreviam-se com os dados de carácter geográfico sobre os novos descobrimentos — rumos, número de milhas ou léguas percorridas, terras descobertas e nomenclatura imposta — as trocas comerciais realizadas com os indígenas, sob a forma de despesa e de receita.

Como era lógico os escrivães apontavam essas notas progressivamente e dia a dia, ao sabor dos acontecimentos. Daí os livros ou relações dos escrivães tomarem a forma de diários, ainda que sem continuidade inalterada.

Por certo os primeiros cronistas, como Afonso Cerveira e Azurara, que escreveram sobre os descobrimentos em tempos do Infante D. Henrique, serviram-se de relações de escrivães para elaborar os seus relatos. Infelizmente não nos resta qualquer relação desse tempo feita por escrivão, a bordo. Mas um dos escritos de Cadamosto, que ao serviço do Infante viajou nas costas da Guiné, pode fornecer-nos uma ideia aproximada do valor daquelas obras. Deixou-nos o célebre navegante veneziano, além da narrativa das suas duas viagens à Guiné, a *Navegação do Capitão Pedro de Sintra*, em que se descrevem os descobrimentos e as terras descobertas nas costas da Guiné entre o Rio Grande e a Mata de Santa Maria¹. A viagem, a aceitar o depoimento de Cadamosto, realizou-se em 1461 e o veneziano, conforme declara, redigiu a respectiva relação, segundo as notícias que lhe deu «ponto por ponto, um moço português meu amigo, que já tinha navegado comigo por escrivão por aquelas paragens». Basta ler atentamente a descrição e compará-la — o que fizemos — com os roteiros seguintes, o *Livro de Rotear*, dos fins do século XV, e o *Esmeraldo*, de Duarte Pacheco, dos começos do seguinte, para se concluir que a narrativa de Cadamosto — cheia de notas descritivas, nomes geográficos e distâncias numeradas em milhas, com sofrível exactidão, ou acompanha de perto o livro de bordo duma das caravelas de Pedro de Sintra, em posse do escrivão, ou que este, dotado de raras faculdades de observação, afinadas por experiências anteriores, o redigira mentalmente. Seja como for, a *Navegação de Pedro de Sintra* é obra escrita ou ditada por um escrivão da época henriquina e, como tal, um excelente padrão dos diários de bordo, ao começar a segunda metade do século XV.

Quando Caminha escrevia a sua carta em Porto Seguro, havia mais de meio século que os escrivães portugueses exercitavam e afinavam a arte de registar os factos de maior relevo da viagem.

Anteriores a 1500, conhecem-se alguns relatos de viagens, feitos por portugueses, documentos do mais alto valor para a história da geografia, como o *De Prima Inventione Guinee*, relação recolhida por Martinho da Boémia da boca de Diogo Gomes, e a *Relação* de João Rodrigues, que este viajante do interior da África ditou a Valentim Fernandes². De maior importância é o *Roteiro da Viagem de Vasco da Gama* (1497-1498), escrito por Álvaro Velho, do qual se conhece

¹ Foi impressa com esse título, depois de vertida do italiano, em *Notícias para a História e Geografia das Nações Ultramarinas*, Lisboa, t. II, n.º 1, 1812.

² O primeiro conhecia-se já na versão e edição de Gabriel Pereira. Foi recentemente publicado em latim, com o segundo, em *O Manuscrito Valentim Fernandes*, leitura de António Baião, Lisboa, 1940.